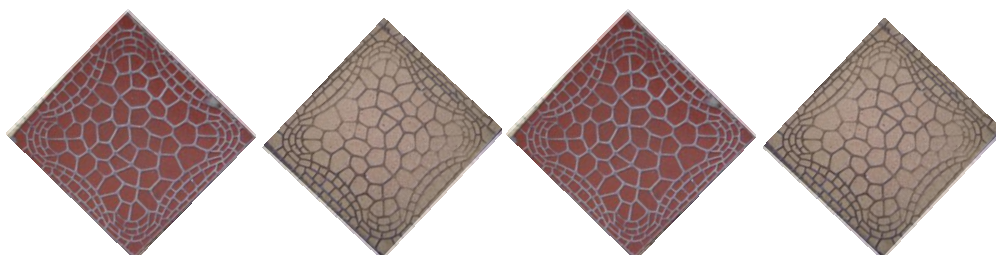


Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho



Um olhar sobre o chão que pisamos

Fátima Abraços e Amaro Carvalho da Silva

Bárbara, Ariana, Ana Duarte, Catarina, Inês, João Gama, Hugo, Ivo



Biblioteca da Escola, 5 de Fevereiro de 2014 - Apresentação dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do “Projeto Património” pelos alunos do 10º ano, turma I

Viajamos todos os dias sobre o chão do edifício da nossa escola, mas raramente questionamos de que é feito, onde foi feito, como foi feito, qual a decoração e cores que apresenta?

Observámos, desenhámos, tentámos descrever e resolver alguns enigmas...

O chão que pisamos: os mármore

O chão do edifício da nossa escola é revestido a mármore nas zonas mais nobres, nos átrios centrais e nas escadarias.

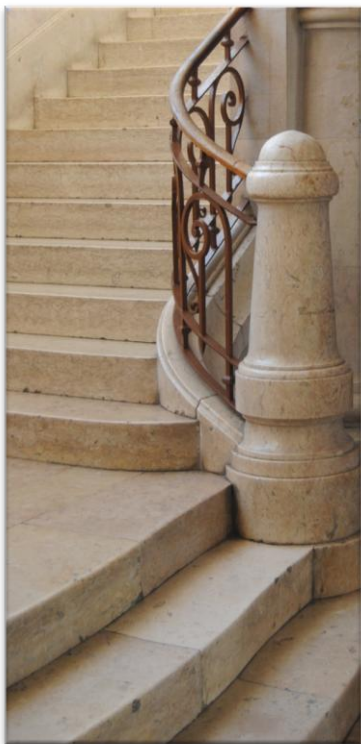


Fig. 1



Fig. 2

O chão que pisamos: os ladrilhos

Os corredores do edifício são pavimentados com ladrilhos sílico-calcários datados da 1ª metade do século XX.



Fig. 3



Fig. 4

Os motivos decorativos

Estes corredores exibem dois tipos de ladrilhos: um decorado com pequenos motivos geométricos irregulares de cor creme ou vermelha e outro com coxins de cor creme ou vermelha.

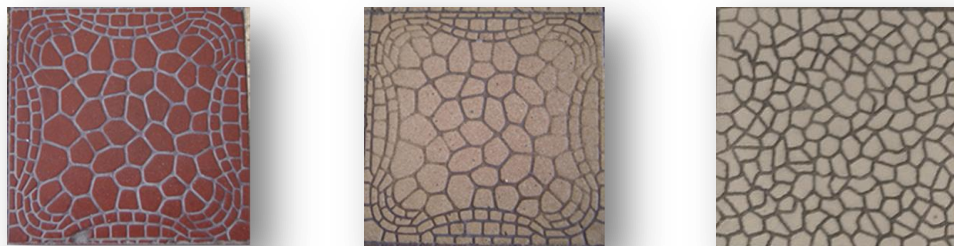


Fig. 5

Os ladrilhos originais são decorados com coxins preenchidos com motivos geométricos irregulares, a vermelho (17X17 cm) e creme (16X16 cm). Existe ainda um terceiro ladrilho de maior tamanho (19X19) decorado com motivos geométricos irregulares.



Fig. 6 - Bárbara, aluna da turma I do 10º ano (Janeiro de 2014)

O coxim é um motivo decorativo de origem greco-romana, que aparece em mosaicos de Portugal, Espanha, Itália (Roma), Turquia e Norte de África com datação entre os séculos I a IV. Um dos corredores do peristilo da *domus* da *villa* romana de Torre de Palma (Portalegre, Alentejo) apresenta-se decorado com este motivo, datado do séc. IV d.C.. É usado, também, em pavimentos italianos nos séculos XV e XVI e revela-se novamente nos séculos XIX e XX.

As intervenções e o decaimento dos pavimentos

Em 2006, o edifício da ESMAVC foi intervencionado e alguns pavimentos foram substituídos, embora tenha havido a preocupação de deixar registos das antigas pavimentações, no entanto, no 2º andar, as opções não foram as melhores... As intervenções devem ser feitas por pessoas especializadas



Fig. 7



Fig. 8

Os motivos decorativos dos ladrilhos mantêm-se quase intactos junto às paredes, mas nas zonas com maior uso são quase impercetíveis. Os materiais vão-se desgastando com o tempo.



Fig. 9

Os ladrilhos, que se apresentam à direita e ao centro da fotografia são os mais pisados e por isso os seus motivos quase que não se notam, foram desaparecendo com o tempo e uso.

Origem do fabrico dos ladrilhos

As características técnicas e estilísticas destes ladrilhos, bem como a marca da oficina registada no tardo permitiram identificar a oficina onde foram fabricados.

Visitamos alguns dos edifícios da autoria de Ventura Terra e verificamos que muitos dos pavimentos, apresentam o mesmo repertório decorativo. A fábrica laborava na Rua das Fontainhas, em Alcântara.



Fig. 10



Fig. 11

Proposta de leitura da oficina: SCIAL – Sociedade de Cerâmica Industrial. O rodapé partido, num dos corredores do 2º andar da escola, mostra a marca da oficina de fabrico destes ladrilhos. Esta fábrica de cerâmica esteve em laboração desde 1880 a meados do séc. XX, segundo um anúncio publicado no Anuário Comercial, 1903, p. 421, BNL

Bibliografia:

Abraços, Fátima (2000) “Ornatos geométricos bicromos” in *Corpus dos Mosaicos romanos de Portugal. Torre de Palma*. IPM/IPPAR, pp. 215-222.

Abraços, Fátima e outros (1993) *Dicionário de motivos geométricos no mosaico romano*, Conimbriga.

Anuário Comercial, 1903, p. 421, BNL.

www.esmavc.org